

AS FLORES DIRIGEM SUA COROLA PARA O SOL: REFLEXÕES PRÉ-PANDÊMICAS SOBRE O CÂNONE, A LEITURA E O ENSINO DA LITERATURA

MAGRI, Dirceu¹

RESUMO: Trata-se de um ensaio sobre alguns dos percalços envolvidos na aceitação ou recusa do cânone no âmbito dos Estudos Literários e Culturais, os quais, pode-se afirmar, deflagraram uma crise nesses domínios. Motivado por experiências pessoais do autor e discussões em sala de aula no ano anterior ao aparecimento da pandemia de Covid19, as reflexões nele apresentadas, contudo, não se revelam ‘datadas’, haja vista a permanência do contexto que as provocou, exceto pela diferença de que agora, dois anos depois, eles, contexto e reflexões, se materializam em ambiente virtual, firmando-se hora ou outra até mesmo como parâmetro para discussões alheias aos estudos da literatura. Enfim, procurou-se abordar o *status* do leitor a partir de dados disponibilizados por pesquisas como Retratos da Leitura – 4ª. Edição, do Instituto Pró-Livro, e a sondagem realizada pelo mesmo instituto em parceria com o Itaú Cultural, cujo objetivo fora traçar o perfil dos frequentadores da Bienal’19 e da FLUP’19, ambas ocorridas no Rio de Janeiro. No caso, utilizou-se este perfil do leitor extramuros para posicionar o aluno-leitor que adentra a universidade. A partir desses dados, comentou-se a postura, até certo ponto refratária, do ensino da literatura nas escolas, concluindo por uma terceira via em que ambos, os Estudos Literários e Culturais, se irmanados na abordagem de um mesmo objeto, o texto, corroboram para a resiliência das Letras.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Literários, Estudos Culturais, cânone, leitor, leitura.

À guisa de introdução, consideremos, ainda que por alto, a crise tal como ela hoje se apresenta nos mais variados contextos: um discurso-clichê apregoando perene cinesia e transformação; disseminada em todos os campos do conhecimento, reflete sobre as sociedades e as artes, não raro, de modo disfórico. No ponto em que sonhos, ideias e projetos esbarram em realizações antagônicas, às vezes obscuras, instala-se a crise. Ato contínuo, na esfera das artes e da ciência,

¹Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP-FFLCH) e Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne; Membro da SFEDS - Société Française d’Étude du Dix-Huitième Siècle; pesquisador do GRUPEBRAE - Grupo de Estudos Brasil-França (IEA-SP); Pós-doutorando (Bolsista PNPd) na Universidade Federal de Viçosa-UFV; autor de *De Borboletas e Colibris em sobrevoo*: presença francesa nas crônicas machadianas (Editora FAP-Unifesp, 2016) e *Voltaire, percurso pelos trópicos* (Editora Vermelho Marinho, 2020).

entabulam-se reflexões sobre a origem da crise, em sua maioria engendradas no meio acadêmico, repositório de nominados especialistas. Procuram-se então por saídas cujo objetivo não é outro que o restabelecimento da ordem julgada por muitos ideal, a partir da qual poder-se-ia dar continuidade ao *status quo*, o que implica, portanto, demover do teatro das ações quaisquer alternativas que possam alterar, ou mesmo reformular a tradição. Dito isto, digladiam-se no campo das ideias conservadores e progressistas, ou inovadores, uns e outros apontando a fratura de pensamentos e conceitos, porém, em busca de um mesmo sol.

Tratando-se da circulação das ideias literárias, o panorama não é – e não foi – diferente, haja vista polêmicas insígnies como a *Querelle des Anciens et des Modernes*², que dividiu em polos opostos os atores do finissecular XVII francês, algo que repercutiria em inúmeros outros países. Nos dias de hoje, a arma que cindiu os Estudos Literários, vista por parte da crítica como a responsável pela crise que teria minado sua hegemonia, tem nome: multiculturalismo, cuja constituição arrasta acepções como energias sociais, idealismo, politicamente correto etc.

Ao digladiarem entre si, partidários dos Estudos Literários e dos Estudos Culturais, veem-se às voltas com sobreposições, recusas e o desejo de tomar para si o âncora ou o leme de uma pretensa revisão historiográfica. É fato, porém, que no âmbito do estudo da literatura tais movimentos sempre implicam no reducionismo do objeto (a literatura), uma vez que processos de enxerto ou ablação, se analisados em profundidade, revelam-se no mais das vezes a ansiedade de ajustar a causa ao poema. Os progressistas, empenhados em defender suas bandeiras, poderiam muito bem fazer uso da máxima de Benjamin, que afirma “o grande narrador te[r] sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (2012, p. 231), ao passo que os conservadores, por sua vez, fazendo uso de palavras do mesmo autor, sustentariam que “uma parcela substancial da chamada literatura de esquerda não exerceu outra função social que a de extrair da situação política efeitos sempre novos, para entreter o público” (2012, p. 137). Como contra-argumento, pode-se aventar o fato de que tal raciocínio procede da extração de dois trechos díspares e descontextualizados, no intuito de se construir uma ideia sob o escudo da referência de autoridade, porém, afirmo, escolhidos com critério, só confirmam a pendular dos pensamentos, sinalizando a mobilidade e o lugar de grupos antagônicos diante de um mesmo objeto, fragilizando-o no mais das vezes: de um lado, os progressistas, acusados de brandir a marreta contra as colunas do cânone; de outro, os

2 Querela dos Antigos e Modernos: polêmica intelectual originada na Academia Francesa e que agitou o mundo intelectual no final do século XVII. Versava sobre a superioridade ou não dos autores da Antiguidade Clássica e teve como seus mais importantes representantes Nicolas Boileau do lado dos Clássicos, e Charles Perrault, do lado dos Modernos.

conservadores, vistos como retrógrados, elitistas e arrogantes, a despeito de ambos, como as flores, voltarem sua corola para o mesmo sol, em “um misterioso heliotropismo”³.

É nesse contexto que Walter Moser, vai escrever “Estudos literários, Estudos culturais: reposicionamentos” (1998), artigo em que traça um panorama dos embates gerados no seio dos Estudos Literários pelo multiculturalismo. Vale destacar, a priori, que nesses últimos anos nada mudou, ao contrário, as fissuras se aprofundaram e, apesar de uma maior aceitação e de os Estudos Culturais terem adentrado os departamentos de letras, há um rumor geral e irrestrito que credita àqueles o descrédito em que a literatura têm vivido no meio acadêmico e junto aos órgãos responsáveis pela cultura e a educação no país, razão pela qual professores de literatura veem-se, com frequência, como combatentes, *partigiani* que lutam pelo texto *tout court* frente às bandeiras particularistas e ao tecnicismo imposto pelas políticas governamentais.

A ascensão dos Estudos Culturais está visceralmente ligada ao fim do conceito monolítico de cultura, que por séculos abrangeu as artes e, dentre elas, a literatura, não só de modo bastante seletivo, mas com algum sectarismo, elegendo as obras consagradas pelo tempo, alçando-as à condição de cânones. Estas, por sua vez, seriam comentadas por críticos e historiadores da literatura, adicionadas aos manuais e “deveriam” ser tomadas como exemplo, portanto, difundidas, interpretadas e cultivadas como realizações insignes do espírito humano. Aliado a isto, há a globalização a provocar um intenso trânsito de pessoas e ideias ao redor do globo, suscitando nos espíritos diferentes pontos de vista e despertando-os para o abuso das ideias hegemônicas, de caráter logocentrista e geradas nas culturas ocidentais. Não por outra razão, consoante Perrone-Moisés (2016, p. 11), “os estudos literários, perderam então sua frágil especificidade, baseada em valores considerados etnocêntricos, e as obras passaram a ser avaliadas e estudadas em função de seus temas.”

Walter Moser navega neste mar revolto, constatando, de pronto, que a crise pertence à retórica da modernidade. Com isso, chama a atenção do leitor para o fato de “ela estar a serviço de uma visão de mundo que insiste na mobilidade e na transformação permanente das coisas”. Em um artigo bastante elucidativo, o autor traz a crise para o âmbito dos Estudos Literários em razão do surgimento dos Estudos Culturais (algo já dito acima), desenvolvendo a ideia de uma agonia que permeia os primeiros, por isso a urgência em inflá-los com novo fôlego, algo que

3 Permito-me aqui justapor minhas reflexões às ideias do eminente filósofo e crítico literário W. Benjamin que, em seu ensaio “Sobre o conceito de história” (2012, p. 243), discorre sobre o passado, cuja representação, afirma, “a história transforma em objeto” e cujo “apelo não pode ser rejeitado impunemente”. Neste caso, a título de referência de autoridade, o arrazoado do pensador vem a calhar, sobretudo se tratarmos de forma equipolente a luta de classes, mencionada por Benjamin, e a discussão sobre o cânone, envolvendo os interesses de conservadores e progressistas, ambos buscando questionar a vitória dos seus contendores.

respondesse, nas sociedades atuais, às necessidades de representação dos estratos secularmente discriminados.

Para isso, sustenta Moser, preferiu-se mobilizar a ideia de crise agônica nos Estudos Literários, cujo argumento ontológico é a própria inexistência do objeto literário. Afinal, pergunta ele: “O que é literatura?” Face à inexistência de uma definição rigorosa à questão, Moser, reflete sobre o vai-e-vem entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais, concluindo que um não deve excluir o outro e recomendando que caminhem irmamente. Aos primeiros, sugere aceitar o que o texto literário depende e interage com todo um sistema discursivo; aos últimos, exorta o diálogo com os Estudos Literários de hoje e não com os de outrora, sem reduzi-los a uma prática idealista. Nessa toada, buscar-se-á verificar como a crítica e os leitores lidam com o objeto literário, o cânone e o que há de novo no horizonte da literatura, intra e extramuros das universidades.

A LITERATURA EXISTE

Tratando-se de uma argumentação cujo intuito é a obtenção de uma definição rigorosa, é provável que a referência a fatos materialize a presença de alguma aporia como resultado da discussão, entretanto, é de se notar que os fatos, por serem passíveis de comprovação, afastam do arrazoado os sofismas, já que estes, por natureza, são deliberadamente enganosos; considerá-los, implicaria ignorar o objeto (fato) em si e razoar a partir de subjetividades. No caso da literatura – e aqui continuo sob os rastros de Moser, afim de atender às necessidades do meu raciocínio – uma coisa é fato: até que se prove o contrário, a literatura existe em nossa e em qualquer outra sociedade, malgrado a crítica do último século ter dedicado grande parte de seu tempo em varrer essa verdade apodítica.⁴ Não fosse assim, o que explicaria a profusão de bienais, prêmios⁵ e feiras de livros, estandes para a venda deles em estações de metrô, rodoviárias, lojas de departamentos, supermercados e *sites* especializados em toda sorte de literatura, especialmente a de ficção? - ainda que nada disso ateste, ou ateste parcialmente, a qualidade literária das obras que ali se comercializam.

4 A título de exemplificação, trago relação de obras sobre o assunto publicadas no século XXI e extraída de (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 24): *The ends of Literature* [Os fins da literatura] (B. Levinson, 2001); *Le Dernier écrivain* [O último escritor] e *Désenchantement de la littérature* [Desencanto da literatura] (R. Millet, 2005 e 2007); *L'Adieu à la littérature* [O adeus à literatura] (W. Marx, 2005); *El último lector* [O último leitor] (R. Piglia, 2006); *Le Silence des livres* [O Silêncio dos livros] (G. Steiner, 2006); *La Littérature, pour quoi faire?* [Literatura para quê?] (A. Compagnon, 2007); *La Littérature en péril* [A literatura em perigo] (T. Todorov, 2007).

5 Vale destacar, neste contexto, por exemplo, a premiação de *Angola Janga*, que venceu o Prêmio Jabuti na categoria História em Quadrinhos.

Em nossa modernidade líquida (Zygmunt Bauman), parece-me, o objeto livro emerge mais sólido do que nunca. O que ocorre, vale ressaltar, é que a literatura hoje, travestida de particularismos, ao empenhar-se em atender a públicos bastante diferentes entre si, viu-se esvaziada enquanto objeto de estudo nas escolas e universidades, desacreditada mesmo, notadamente se considerarmos que em seu passado recente nos impôs os chamados clássicos, cujos autores - escritores e poetas - foram tomados por porta-vozes e demiurgos de suas respectivas nações.

Não por outra razão, ao ser colocada contra a parede, a primeira acusação lançada à literatura foi um argumento étnico, afinal, institucionalizada pelo Estado, fora tomada, junto de outras manifestações artísticas, como arte representativa da expressão de um espírito de nação, dada a língua impor-se como constitutivo dessa identidade nacional. Com o advento dos Estudos Culturais, que solicitam de modo interdisciplinar e transversal o aporte de várias outras ciências, da filosofia⁶ à sociologia, e cujo método de trabalho parte da análise literária para a cultural, no intuito de promover as manifestações periféricas, sobretudo das minorias, atribuindo a elas uma visibilidade cultural que até então lhes fora negada pelas elites. A literatura vê-se então fragilizada, afinal, parte da cal que preencheria o recôncavo da pá e provocaria seu arrefecimento viria justamente da teoria literária. Esta, preocupada com a imanência do texto, opõe-se sobretudo à crítica histórico-sociológica, de abordagem centrípeta, que considera a literatura ao lado de outras manifestações artísticas e como expressão da cultura de um povo em suas diferentes fases desenvolvimento. Reduzida ao absurdo, a ponto de “nas escolas, não aprende[r]mos mais do que falam as obras, mas do que falam os críticos” (TODOROV, 2007, p. 19), o cânone permaneceu como algo a ser combatido, tornando-se o círculo central do alvo a ser atingido.

MAS, O QUE É O CANÔNE?

Ao buscarmos por algum sentido para os significantes “cânone” e “canônico”, de pronto somos levados às definições dicionarizadas. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* além de trazer aquelas obviedades próprias aos dicionários, qual sejam, que “canônico” é relativo a cânone, acrescenta: “de acordo com os cânones, com as regras eclesiásticas, os dogmas da Igreja” e na rubrica destinada à gramática generativa, informa: “diz-se de frase ou construção

⁶ Vale destacar que desde o século XVII a literatura foi considerada espaço de vulgarização da filosofia para o público não especializado em tratados filosóficos. Contudo, Mme de Staël, pressupunha a distinção entre estudos “filosóficos” e “obras de imaginação” (Mme de STAËL, 1844, p. 200)

que é conforme às normas mais habituais da gramática, consideradas básicas; p.ex., na construção de sentença, a ordem direta é considerada canônica em relação às ordens invertidas”.

Dito isso, podemos inferir que ambas as definições, embora apliquem-se a contextos diferentes, trazem implícita, por extensão de sentido, a ideia não só de conformidade, mas também de continuidade, algo que remete a um modo de agir, um modelo, um padrão. A título de especulação podemos conjecturar que a rubrica destinada à gramática generativa se adapta com exatidão à literatura, uma vez que é considerado canônico aquilo que se contrapõe às ordens invertidas, sintagma que, no caso, pode perfeitamente ser interpretado como designação de “literaturas periféricas”, que se contrapõem à produção canônica literária - ao menos é este o discurso sustentado pela crítica multiculturalista.

Ademais, se a menção às “regras eclesiásticas” e aos “dogmas”, parecem, de início, algo bastante óbvio, ao lançarmos um olhar de míope à circulação das ideias literárias, notaremos que à literatura - muito embora muitas obras não tenham “nascido”, mas tornaram-se literárias ao longo do tempo -, quase sempre foi atribuída alguma sacralidade ou, caso queiramos uma definição mais pagã, poetas e escritores sempre foram inspirados pelos deuses, em consonância à teoria platônica, de modo que às “ordens invertidas”, isto é, à voz das minorias, caberia certa reputação dionisíaca no sentido de ser transgressora, desorganizadora da ordem, do *status quo*.

Nesse sentido, a compreensão do mundo em um contexto de secularização da experiência religiosa só reforçou a sacralização do artista criador, que se viu comparado ao próprio Deus - e como todos sabem, com Deus não se brinca -, de modo que nessa lógica o cânone viu-se alçado à condição de obra do “gênio humano”, fruto comparável ao feito do Deus Criador, que “engendra conjuntos coerentes e fechados em si mesmo”⁷ (TODOROV, 2016, p. 39). Não à toa, consonante G. Steiner (2001, p. 49), “o poema, a sinfonia, o teto da Capela Sistina são atos de contracriação”, Matisse teria dito “Eu sou Deus” e Picasso, em momento de declarada rivalidade, afirmou “Deus, o outro artista”. Nessa lógica, à literatura periférica, obra de homens não inspirados, muitas vezes vista como produto de extenso solipsismo, coube a esfera terrena e da desordem e, por fim, a indiferença.

7 Sobre isso vale retomar Todorov (2016, p. 39-40): A ideia da obra como um microcosmo ressurgiu no início da Renascença italiana, com, por exemplo, o cardeal Nicolau de Cues, teólogo e filósofo, que escreve em meados do século XV: “O homem é um outro Deus [...] enquanto criador de pensamento e das obras de arte.” Leon Battista Alberti, teólogo das artes, afirma, por sua vez, que o artista de gênio, “pintando ou esculpindo seres vivos, se distinguia como um outro deus entre os mortais”. Dir-se-á paralelamente que Deus é o primeiro dos artistas: “Deus é o poeta supremo, e o mundo é seu poema”, afirma Landino, neoplatônico florentino. Essa imagem se impõe progressivamente nos discursos acerca da arte e serve para a glorificação do criador humano. A partir do século XVIII, ela passa igualmente a orientar o discurso crítico descritivo, graças à influência de uma nova filosofia, a de Leibniz, que introduz as noções de mônada e de mundo possível: o poeta ilustra essas categorias, já que cria um mundo paralelo ao mundo físico existente, um universo tão independente quanto coerente.

Ora, em tempos mais recentes, dentro de uma contextualização crítica em que porventura se justapusesse o método crítico histórico-comparatista àqueles que professam a imanência do texto, para os quais a literatura não tem qualquer relação com o mundo, limitando-se a refletir sobre as ligações dos elementos textuais entre si (BARTHES, 1981, p. 246), o cânone viu-se diante da metralhadora de dois canos de Voltaire – apropriando-me aqui da expressão de Jean Starobinski. Por isso, explico-me: (i) se de um lado a crítica histórica se debruça sobre as causas que provocaram o aparecimento da obra, as forças sociais, étnicas, políticas etc. - ou ainda, sobre os efeitos do texto, sua difusão, seu impacto sobre o público e seus influxos sobre outros autores -, e como resultado é criticada pelos Estudos Culturais, haja vista ser acusada de estar a serviço das elites e assegurar “a supremacia dos brancos em relação às outras raças e dos homens em relação às mulheres”⁸ (MOSER, 1998, p. 64), assim como reflete H. Stevens a partir das mudanças estimuladas pela diversidade:

A diversidade tornou-se uma preocupação mais proeminente para os críticos literários nos séculos XX e XXI. Antes dessa época, a literatura considerada digna de estudo vinha, em grande parte, de homens europeus brancos e mortos. Os teóricos da literatura têm sido fundamentais para ampliar o cânone das obras clássicas, trazendo trabalhos de escritoras, minorias, gays e lésbicas, escritores do Terceiro Mundo e de outros grupos anteriormente excluídos e marginalizados. (2015, p. 35 – minha tradução)⁹

Cumprе ressaltar que a literatura e o pensamento produzidos pelos “homens europeus brancos e mortos” espelhava – ainda que de modo sucinto - a ancilose que determinava a sociedade da época. O cânone apresentou-se com perfil majoritariamente masculino, não porque mulheres não escreviam ou não escreviam bem, mas simplesmente porque às mulheres eram negadas as mesmas oportunidades concedidas aos homens - aliás, tratando-se deste assunto, eis um caminho no qual há muito a percorrer -, e, para complementar, a severa limitação da liberdade imposta às mulheres, barrou-lhes não só o caminho das universidades, mas também das editoras, a despeito do acesso à escrita que porventura tivessem tido.¹⁰

8 Harold Bloom, em *O cânone ocidental* (2010, p. 58), afirma: “A morte do autor, proclamada por Foucault, Barthes e muitos clones depois deles, é outro mito anticanônico [...], que gostaria de descartar “todos os homens brancos europeus mortos...” Ironicamente, Foucault e Barthes tornar-se-iam canônicos.

9 « Diversity has become a more prominent concern for literary critics in the twentieth and twenty-first centuries. Prior to this time, the literature considered to be worthy of study to come, for the most part, from dead, white, European men. Literary theorists have been instrumental in enlarging the canon of classic works by bringing in works by women writers, minority writers, gay and lesbians, Third World writers, and other groups previously excluded and marginalized. »

10 A título de exemplificação, vale retomar Virginia Woolf que, em *Um teto todo seu* (1929), narra a impossibilidade de as mulheres frequentarem bibliotecas em universidades na Inglaterra, a menos que estivessem acompanhadas por alguém do sexo masculino ou tivessem uma autorização.

Por outro lado (ii), da metralhadora voltairiana sairia a outra bala que alvejaria o cânone: a imanência do texto, abordagem crítica de movimento centrífugo (Formalistas, Estruturalistas, *New Criticism*), preocupada com os elementos constitucionais da palavra e suas inter-relações, enfim, com o texto *qua* texto, provocando uma ruptura com o estado existente, afirmando suas próprias leis e professando que o sentido poético do texto é extraído da estrutura linguística. Nessa lógica, o cânone também viu-se atingido sobretudo porque ao afirmar a desobrigação e a autossuficiência da literatura de imaginação e “ignorar” os idealismos, a harmonia e as energias sociais, bateu o pé no quesito estético, sustentando ser este irreduzível às ideologias, simplesmente por tratar-se “uma preocupação mais individual que de sociedade” (BLOOM, 2010, p. 29), portanto, elitista, indo de encontro às ideias veiculadas na contemporaneidade, em sua maioria comprometidas ou a serviço de causas diversas.

Muito embora as causas contemporâneas não sejam refratárias à história, muito pelo contrário, reflitam as perturbações humanas ao longo da existência das sociedades, o cânone, marcado por sua estranheza e por suas idiossincrasias, tem no tempo seu perene termômetro e, contrariamente ao que se afirma, consoante U. Eco, é inclusivo. A relação entre o tempo e o livro tornou-se um *topos* da literatura, não só em um contexto de abordagem extrínseca, em que o tempo passa, mas o livro permanece, uma vez que a vida do leitor é medida em horas e a do livro em milênios (STEINER), mas também sob viés intrínseco, em que a temporalidade surge como componente sintático-semântico da narrativa, dado que a ficção é essencialmente temporal e a diegese pressupõe um começo, um meio e um fim. Entretanto, o cânone, para se firmar como cânone, padece do teste do *exegi monumentum*, que confirma a transcendência do texto ao tempo. Vale complementar que os livros acabam realizando a compulsão maior do artista, *le dure désir de durer*, na definição do poeta Paul Éluard.

O cânone como matéria inclusiva (algo enunciado acima) parte de abordagem realizada por U. Eco (2016, p. 227-252) em “Ironia intertestuale e livelli di lettura” [Ironia intertextual e níveis de leitura]. Neste artigo, resultado de uma conferência proferida em Forlì, no ano de 1999, Eco trata da meta-narrativa e dos diferentes níveis de recepção, além de admitir que o leitor culto constitui uma elite, os chamados *happy-few*, porque reconhecem a ironia intertextual entremeadada aos textos, porém, reconhece a possibilidade de o leitor semântico (primeiro nível) galgar o *status* de leitor semiótico ou estético (segundo nível)¹¹. Para Eco, não é o autor que

11 “Ho ripetutamente teorizzato il fatto che un testo (e massimamente un testo a finalità estetica, e nel caso del presente discorso un testo narrativo) tende a costruire un doppio Lettore Modello. Esso si rivolge anzitutto a un lettore modello di primo livello, che chiameremo semantico, il quale desidera sapere (e giustamente) come la storia vada a finire (se Achab riuscirà a catturare la Balena, se Leopold Bloom incontrerà Stephen Dedalus, dopo averlo

privilegia o leitor culto, mas o próprio texto, por meio da ironia intertextual, à qual o leitor semântico não tem acesso em um primeiro momento; esta, porém, não se constitui um obstáculo intransponível, uma vez que poderá ser removida através de frequentes exposições a ambientes literário-culturais e ao constante exercício da releitura. Sobre a descoberta da ironia intertextual e sua subsequente compreensão de caráter inclusivo, discorre Eco:

E, finalmente, nem mesmo os leitores mais ingênuos podem passar pelas malhas do texto sem a suspeita de que, às vezes (ou frequentemente), ele se refere a algo fora de si. Onde vemos, então, que a ironia intertextual não é apenas não *conventio ad excludendum*, mas provocação e convite à inclusão, de modo que pode aos poucos transformar até o leitor ingênuo em um leitor que começa a perceber o aroma de muitos outros textos que precederam o que ele está lendo.¹² 2016, p. 251) – minha tradução.

A releitura como instrumento de inclusão e canonização também é aventada por Calvino em seu célebre texto *Perché leggere i classici* [Por que ler os clássicos] (2012, p. 5-13), uma vez que ao elencar suas “propostas de definição” dos clássicos (e aqui leiamos ‘cânone’), o autor, logo no primeiro item sinaliza: “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”¹³ Nos itens 4 e 5, Calvino retoma a releitura através dos *incipit*: “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a

incrociato casualmente alcune volte nel corso del 16 giugno 1904, se Pinocchio diventerà un bambino in carne e ossa, se il Narratore riuscirà a regolare i suoi conti col Tempo Perduto). Ma il testo si rivolge anche a un lettore modello di secondo livello, che chiameremo semiotico, o estetico, il quale si chiede quale tipo di lettore quel racconto gli chiedesse di diventare, e vuole scoprire come proceda l'autore modello che lo sta istruendo passo per passo. In parole povere, il lettore di primo livello vuole sapere che cosa accade, quello di secondo livello come ciò che accade è stato raccontato. Per sapere come la storia va a finire basta, di solito, leggere una sola volta. Per diventare lettore di secondo livello occorre leggere molte volte, e certe storie bisogna leggerle all'infinito.” (ECO, 2016, p. 238-239) [Teorizei repetidamente o fato de que um texto (e acima de tudo um texto para fins estéticos, e no caso do presente discurso, um texto narrativo) tende a construir um duplo Leitor Modelo. Destina-se principalmente a um leitor de modelo de primeiro nível, a quem chamaremos de semântico, que deseja saber (e com razão) como a história termina (se Achab conseguirá capturar a baleia, se Leopold Bloom encontrará Stephen Dedalus, depois de acidentalmente cruzar com ele algumas vezes durante 16 de junho de 1904, se Pinóquio se tornará uma criança de carne e osso, se o Narrador conseguirá acertar as suas contas com o Tempo Perdido). Mas o texto também se destina a um leitor modelo de segundo nível, a quem chamaremos de semiótico ou estético, que se pergunta que tipo de leitor essa história pediu que ele se torne e quer descobrir como procede o autor modelo que o está instruindo passo a passo. Simplificando, o leitor de primeiro nível quer saber o que acontece; o leitor de segundo nível, como o que acontece foi contado. Para saber como a história termina, geralmente basta ler apenas uma vez. Para se tornar um leitor de segundo nível, é necessário ler muitas vezes, e certas histórias devem ser lidas indefinidamente.] – minha tradução.

12 “E infine, neppure il più ingenuo dei lettori può passare attraverso le maglie del testo senza avvertire il sospetto che talora (o spesso) esso rinvii fuori di sé. Dove si vede allora che l'ironia intertestuale non solo non è *conventio ad excludendum* ma provocazione e invito all'inclusione, tala da poter trasformare, a poco a poco, anche il lettore ingenuo in un lettore che incomincia a percepire il profumo di tanti altri testi che hanno preceduto quello che sta leggendo.” – minha tradução

13 “I classici sono quei libri di cui si sente dire di solito: ‘Sto rileggendo...’ e mai ‘Sto leggendo...’.” – minha tradução

primeira.”¹⁴ e “Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.”¹⁵. Esta última nos remete à ironia intertextual teorizada por U. Eco – e tratada logo acima.

Se, como Calvino afirma, reler é ler pela primeira vez e ler pela primeira vez é reler, texto e leitor reproduzem o efeito *ouroboros* - círculo que simboliza o infinito, o tempo, a evolução, a morte, a ressurreição, enfim, a renovação -, que, justaposto à literatura de modo geral, nada mais é que um “sempre reescrever ou revisar, e baseia-se numa leitura que abre espaço para o eu, ou que atua de tal modo que reabre velhas obras a nossos novos sofrimentos” (BLOOM, 2010, p. 23), já que “na realidade, cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo” e “a obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que sem o livro talvez não tivesse visto em si mesmo”¹⁶ (PROUST, 1999, p. 2296). Entretanto, leituras e releituras na condição de objeto, pressupõem o sujeito leitor, razão pela qual vale sondar o “novo leitor”, sobretudo aquele extramuros que ulteriormente adentrará a universidade.

A LEITURA, O LEITOR, A ESCOLA

Antonio Candido, em prefácio à segunda edição de *Formação da literatura brasileira*, sustenta que uma literatura, para se configurar como sistema, depende da tríade “autor-obra-público” (2000, p. 16, v. 1) - e isso é fato¹⁷. Nosso crítico maior vale-se de tal argumento para explicar a configuração da literatura brasileira nos idos do século XVIII, porém, ao fazê-lo, se debruça sobre sua produção, qual seja, a circulação das ideias filosófico-literárias e seus influxos na produção nacional, o ambiente em que se materializa essa produção, os movimentos literários, as sucessivas gerações de escritores, os grêmios, as academias, enfim, ao leitor, quando trazido à discussão, lhe é atribuído o *status* de autor, pois é levado em consideração nas vezes em que se torna ele próprio um escritor, algo que corrobora o pensamento de Calvino no que tange à leitura ser *ad infinitum* uma releitura – e uma reescritura.

Isso talvez seja reflexo de uma oposição à crítica impressionista por parte de uma leitura culta, uma vez que qualifica a primeira como produto de leitores amadores, enquanto ela, atenta,

14 “D’un classico ogni rilettura è una lettura di scoperta come la prima.” – minha tradução

15 “D’un classico ogni prima lettura è in realtà rilettura.” – minha tradução

16 “En réalité, chaque lecteur est quand il lit le propre lecteur de soi-même. L’ouvrage de l’écrivain n’est qu’une espèce d’instrument optique qu’il offre au lecteur afin de lui permettre de discerner ce que sans ce livre il n’eût peut-être pas vu en soi-même. » - minha tradução.

17 M. H. Abrams, crítico do romantismo, partia de um modelo triangular para descrever a comunicação literária: o centro de gravidade é ocupado pela obra, os três ápices do triângulo correspondiam ao mundo, ao autor e ao leitor. (COMPAGNON, 1998, p. 163)

erudita, “conforme a expectativa do texto, é uma leitura que se nega ela própria como leitura” (COMPAGNON, 2001, p. 139-140). O fato é que no âmbito dos Estudos Literários o lugar do leitor sempre foi marcado por reiterada contingência; ora absolutamente ignorado¹⁸, ora elevado ao ápice do triângulo com a estética da recepção (Escola de Constance, W. Iser, H. R. Jauss) e a *Reader-Response Theory* (S. Fish, U. Eco), nas quais o leitor é identificando à literatura, uma vez que esta figura como resultado de sua leitura - algo exponenciado por R. Barthes com sua teoria sobre a morte do autor.

Embora tenhamos nos adentrado as teorizações que envolvem o leitor e a leitura, qual seja, o *leitor implícito*, de Iser, o *horizonte de expectativas* (o repertório) de Jauss, a incompletude da leitura, de Ingarden, limitemo-nos ao leitor que chega à universidade munido de uma crítica impressionista, quase sempre direcionada, em que o manuseio de conceito e ideias é pautado pelo ‘gosto/não gosto’ e cujas opiniões não raro foram garimpadas em *blogs* e redes sociais - não generalizo, é claro.

Com este intuito, vale verificar qual a visibilidade deste leitor, suas opiniões e o que ele consome, uma vez que muito do que a imprensa publica nos *sites* que dão conta do consumo de livros, incluindo-se aí as feiras especializadas e patrocinadas por livreiros, o cânone convive com narrativas a serviço de uma causa ou de uma ideologia; esta, é bom que se esclareça, no mais das vezes não compreende um sistema de ideias, mas tão somente algo comprometido com a indústria de entretenimento e causas espontâneas, leia-se: produção e/ou obra destinadas a atender a modismos efêmeros e quase sempre na esteira do sucesso obtido em outros domínios das artes, como o cinema¹⁹, a exemplo do recente *best-seller* de E. L. James, *Fifty shades of grey* [Cinquenta tons de cinza].

Vejamos: recentemente (11/2019), o Instituto Pró-livro/Itaú Cultural, publicou uma pesquisa²⁰ com frequentadores da FLUP’19 (Feira Literária das Periferias) e da Bienal do Livro, na cidade do Rio de Janeiro. A sondagem teve como objetivo levantar o perfil dos visitantes desses eventos e, como alvo, um público com idade superior aos 10 anos e que não era estudante participando de uma excursão escolar. O jornal *O Estado de São Paulo* replicou tal pesquisa no dia 07/11/2019, considerando-a o “mais completo levantamento sobre o hábito de leitura do brasileiro”. De pronto, pode-se inferir um erro de abordagem, já que a reportagem destaca ser

18 Tome-se, por exemplo, as posições historicistas (a obra e seu contexto original), formalistas (a imanência do texto) e os *New Critics* americanos (a obra fechada, a *close reading*); em todas, a recepção vê-se largamente distanciada da produção.

19 Com frequência, a obra só alcança visibilidade depois de levada às telas dos cinemas, quando se torna sucesso de venda.

20 https://portal-ssets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100172/191090_Pesquisa_FLUP_2019_apresenta%C3%A7%C3%A3o_Rio_07-11-2019.pdf

o intuito dessas pesquisas “menores”, realizadas em festivais literários, “conhecer o perfil do brasileiro que frequenta esse tipo de evento”, informação que difere da proposta da pesquisa. Embora ambas, pesquisa e reportagem, tenham como objeto a leitura, no PDF com dados da sondagem, está claro o seu objetivo: “conhecer o perfil dos visitantes”, ainda que as questões coladas a eles versassem sobre o que se lê, busca ou gosta de ler. Ocorre que visitar feiras de livros não implica a aquisição deles - assim como todos que visitam Roma não se interessam pelo Papa -, muitos as visitam porque lá encontrarão seu autor/autora preferido, considerando que estas feiras levam artistas e celebridades da TV e do cinema no intuito de aumentar o afluxo de visitantes – tome-se por exemplo a FLIP de 2018, em que a multidão se acotovelava para aplaudir a genial Fernanda Montenegro.

A reportagem e a pesquisa, que festejam um público leitor acima de 70% (Tabela 1), por si apresentam algumas disparidades: a primeira delas aparece quando contrapomos seus dados àqueles divulgados pelo mesmo Instituto Pró-Livro (Retratos da Leitura no Brasil - 4ª. Edição), só que agora sem o bafejo do Itaú Cultural. Esta, publicada em junho de 2016, apresenta um perfil do leitor brasileiro bastante diferente (a pesquisa Instituto-Pró-Livro/Itaú Cultural, traz à margem os dados da RL - 4ª. Edição). Não se explica, dadas as políticas públicas educacionais, a variação percentual de 30% (RL - 4ª Edição) para 74% (BIENAL’19) e 77% (FLUP’19) no aumento do público leitor. Contrapondo - agora no campo da especulação – e justapondo-as ao discurso sobre o não hábito de leitura do brasileiro, as notícias quotidianamente veiculadas sobre o fechamento de livrarias tradicionais, quando não de relatos sobre livreiros que vieram a público implorando aos leitores que presenteassem seus amigos com livros, na tentativa de salvá-los da bancarrota, a equação parece não fechar e os dados apresentados revelam disposição otimista, quando não fictícias.

Ademais, algo frágil na pesquisa e que muitos preferem silenciar é o fato de que em sua maioria os visitantes das bienais provêm das classes mais abastadas, o que não significa que leem mais é evidente, mas, ainda assim, é de se supor que disponham de uma condição econômica melhor e certa folga para a aquisição de livros; já a FLUP, cuja ênfase fora os moradores da periferia - ainda que meu raciocínio pareça simplista -, consideradas as desigualdades econômicas e sociais que grassam pelo país, deve ter considerado que seu objetivo era a divulgação da leitura *tout court*, qual seja, despertar nos jovens o gosto pela leitura, e que muitos ali estariam apenas como apreciadores de obras que, depois, seriam lidas a partir de exemplares extraídos nas bibliotecas públicas ou ONGs, quando interessados.

Não que o desinteresse ou o interesse sejam geograficamente marcados, longe disso, mas é fato que a renda das populações periféricas é destinada ao sustento, de modo que na

maioria dos lares brasileiros o objeto livro ainda é artigo de luxo, supérfluo, e colocar os visitantes da Bienal'19 em pé de igualdade com os da FLUP'19 é desdenhar a vida precária de muitos estudantes do Ensino Médio que porventura adentram a universidade, de maneira que os dados não parecem críveis, apesar do esforço em desestigmatizar a periferia.



Tabela 1, p. 13, PDF Instituto Pró-Livro/Itaú Cultural

Mas o que leem a maioria dos leitores apontados pela pesquisa? Os três primeiros vencedores, com direito ao *podium* são *best-sellers*, os quais dividem-se entre a literatura de ficção (J.K. Rowling, com destaque para a saga *Harry Potter*); Augusto Cury, profícuo representante do “gênero” autoajuda, autor de 73 livros (veja Wikipedia), cuja produção fora de um livro publicado por mês (2015) ou até mesmo 5 livros por mês (março 2006) e George R. R. Martin, autor, dentre outros, do inventivo e já clássico *Game of Thrones*. A sequência é um *meelting pot* em que aparecem Dan Brown, Machado de Assis, Stephen King, Graciliano Ramos, Zibia Gasparetto, Alan Kardec, C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, John Green, Julia Quinn, Mark Manson, Nietzsche e George Orwell.

Contudo, quando perguntados qual o último livro lido ou em processo de leitura, os frequentadores da Bienal'19 produziram uma lista encabeçada pela *Bíblia*, seguida do *Diário de Anne Frank*, *Harry Potter*, *A sutil arte de ligar o fod*-se*, *A culpa é das estrelas*, *A cabana*, *As crônicas de Nárnia*, *It - A coisa* e *Mindset: a nova psicologia do sucesso*. Curiosamente 13% do grupo de 74% de leitores da Bienal, não respondeu ou não soube responder o nome do livro que acabara de ler ou estava lendo!

Já os frequentadores da FLUP'19, por sua vez, trouxeram uma lista de autores bem mais extensa: Djamilia Ribeiro, Ângela Davis, Machado de Assis, Grada Kilomba e Jess Oliveira,

Lázaro Ramos, Clarice Lispector, Augusto Cury, Graciliano Ramos, Anne Frank, Chimamanda Ngozi Adichie, Jorge Amado, José Saramago, Laurentino Gomes, Paulo Coelho, Stephen Edwin King, Ana Maria Gonçalves, Bell Hooks, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Frantz Fanon, George Orwell, Luiz Antônio Simas, Maya Angelou, Michel Foucault, Octavia E. Butler, Paulo Vieira, Yuval Noah Harari e Zíbia Gasparetto. Quanto aos títulos, foram citados: *Na minha pele*, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, *O diário de Anne Frank*, *Quem tem medo do feminismo Negro?*, *Vidas Secas*, *Bíblia*, *Mulheres: raça e classe*, *A Cabana*, *Um defeito de cor*, *1984*, *Dom Casmurro*, *Pele Negra*, *Máscaras Brancas*, *It - a coisa* e *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Também curiosamente, 38% do grupo de 77% de leitores da FLUP'19 não responderam ou não souberam dizer o nome do autor do último livro que leram ou estavam lendo; quanto ao título, 18% dos 77% confirmaram ler um livro no momento em que foram entrevistados, mas não se lembravam do nome! Vale ressaltar, tratando-se da FLUP'19, que o título e a temática dos livros citados apontam para questões relacionadas ao dia a dia jovens da periferia, qual seja, o racismo, a violência a que são submetidos em razão da cor da pele e da situação econômica, algo exponencial no caso das mulheres negras e pobres, donde títulos como *Quem tem medo do feminismo Negro?*, e *Mulheres: raça e classe*.

Vale destacar ainda os tipos de livros lidos (apuração da Bienal'19 e da RL - 4ª. Edição); e sobre isso, considero que a imagem fala por si (Tabelas 2, 3), uma vez que a religião se impõe de forma avassaladora a ponto de temermos o futuro face a um público leitor de um livro só:



Tabela 2, p. 21, PDF Instituto Pró-Livro/Itaú Cultural

Gêneros que costuma ler: estudante x não estudante

(%)	2015	TOTAL	Está estudando	Não está estudando
Base: Leitores		2798	1119	1679
Bíblia	42	31	31	50
Religiosos	22	13	13	29
Contos	22	31	31	15
Romance	22	22	22	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16	28	28	9
Infantis	15	21	21	11
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	13	18	18	9
Poesia	12	17	17	9
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	13	13	9
Ciências	10	18	18	5
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	10	5	5	13
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10	11	11	9
Saúde e Dietas	8	6	6	10
Biografias	8	10	10	7
Autoajuda	8	5	5	10
Artes	7	11	11	4
Juvenis	7	12	12	4
Educação ou pedagogia	6	8	8	4
Viagens e esportes	5	6	6	4
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	5	8	8	3
Enciclopédias e dicionários	4	5	5	3
Direito	3	4	4	3
Esoterismo ou ocultismo	2	1	1	2
Não sabe/Não respondeu	5	8	8	4
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	2,8	3,2	3,2	2,6

Tabela 3, p. 29, PDF Retratos da leitura – 4ª. Edição

O documento Retratos da leitura – 4ª. Edição, produzido pelo Instituto Pró-Livro sem a associação do Itaú Cultural é muito mais completo e traça um perfil exponencial da educação e da leitura no país. Nele, define-se por exemplo o que é um leitor (Tabela 4):

Definição de **Leitor** e **Não leitor**

<p>Leitor</p> <p>é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.</p>	<p>Não leitor</p> <p>é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.</p>
---	---

Tabela 3, p. 21, PDF Retratos da leitura – 4ª. Edição.

→ Para os índices de leitura, a referência são os **3 meses anteriores à pesquisa**

→ A definição de leitor/não leitor se mantém desde a **edição de 2007**



texto apresentar dois níveis de leitura, portanto, passando de leitor semântico a semiótico ou estético. Contudo, considerando a qualidade do Ensino Fundamental e Médio no Brasil e o seu desaparelhamento, é de se crer que essa percepção virá só no terceiro ano na universidade, quando o aluno está prestes a deixar a graduação. Afora isso, conforme afirma R. Cosson, “aquilo que se ensina como literatura na escola costuma ter contornos muito diversos” (2006, p. 20). E aqui, embora extensa, vale a citação:

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente qualquer parentesco com ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola, preferencialmente na ordem inversa. Não é sem razão, portanto, que a crônica é um dos gêneros favoritos da leitura escolar. [...] entroniza-se a leitura de jornais e outros registros escritos, sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois a literatura já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas. [...] No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados bibliográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes. (COSSON, 2006, p. 21)

O cotejo das informações supracitadas, revela algo incontroverso, um axioma, já que os dados são autoexplicativos e não há nada que se provar: o esvaziamento da literatura. Nas escolas - ensinos fundamental e médio -, como a literatura é considerada inadequada para a leitura ou a escrita, sua abordagem é rasteira; sob o arrazoado de que é preciso integrar o aluno à cultura e atualizar a escola, torná-la mais atrativa e lúdica para o alunado, abre-se às práticas culturais, nas quais a literatura, vista-se como matéria dura e entediante, é descartada em proveito de canções, filmes, séries de TV, história em quadrinhos, momentos *cosplay* e dança.

O substrato literário no sentido ontológico inexistente, sobretudo porque a cultura contemporânea – leia-se, os Estudos Culturais -, de certo modo dispensa a mediação da escrita, tornando-a secundária. Nesse contexto, materializam-se duas assertivas: (i) o fato de pesquisas como a RL – 4^a. Edição afirmar ser leitor o indivíduo que “leu, inteiro ou em partes, ao menos um livro nos últimos três meses” - destacando-se ainda que a mesma sondagem mostra que 32% dos estudantes alegaram falta de tempo para não ler (esse número chega a 50% entre os não estudantes), contudo 73% disseram dedicar seu tempo livre a assistir televisão, resultando que a leitura como lazer é algo circunscrito a cerca de 24% e a maioria a vê como um encargo -; e

(ii), a realização de uma leitura ideológica, nociva para ambos os estudos, os literários e os culturais, uma vez que ler a serviço de uma ideologia é, no mais das vezes, não ler.

A literatura a serviço de uma ideologia também quer se tornar forte, o que revela um desejo paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que ganha visibilidade e seus autores tornam-se celebridades na mídia, muitas vezes refutando o cânone, busca ser elogiada como “alta literatura”, procura ser admitida nos programas de letras das universidades e ganhar prêmios dos júris elitistas (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 64). Porém, se esquece de que não pode ser forte, canônica, sem conhecer a sua essência, qual seja, o dito e redito fardo da influência literária que de forma indelével lhe cai sobre as costas, quer queira ou não, a exemplo da literatura pós-colonialista, materializada na língua do colonizador e em constante esforço para evitar reproduzir o discurso e as estruturas narrativas de seu opressor. Porém, é certo que face à angústia da contaminação cada um desses autores quer ser “Adão de manhã cedo” (BLOOM, 2010, p. 19).

Mas tudo começa nas escolas e, consoante Todorov (2007, p. 33) “o professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem em uma ferramenta invisível”²¹. Ora, convenhamos, guardadas as devidas proporções, o professor do qual fala Todorov não é o professor brasileiro. Evidente que intelectualmente ambos são capazes, isso não se discute, mas a escola é outra, a ponto de a estrutura ser indício do fruto dentro da casca. Se o professor e o aluno francês são levados a tratar de quase um milênio de literatura nacional, o brasileiro (aluno e professor), no ensino médio, lida com dois séculos de produção literária, conforme ressalta Cosson (acima), excluindo a intertextualidade evidente como constitutivo dessa literatura nacional, uma vez que refuta as demais. De tal cotejo pode-se inferir que não é a quantidade de conteúdo a problemática que se instaura no ensino/aprendizagem da literatura nas escolas, mas sobretudo sua abordagem. Ainda que o professor recém saído da universidade seja um *expert* na identificação das situações de enunciação de um texto, na poética ou na retórica, ao adentrar o universo das escolas públicas, constatará que a presença ali reinante é a ausência da cultura, ausência, diga-se, que beira o estado de pungência. Diante disso, a luta em favor do texto figura-se quixotesca.

21 « Le professeur du secondaire est chargé d’une tâche lourde : intérioriser ce qu’il a appris à l’université mais, plutôt que de l’enseigner, le ramener au statut d’un outil invisible. » - minha tradução

O aluno, como qualquer outro membro da sociedade é levado a enfrentar – e afrontar – uma multiplicidade de discursos e dogmas, aos quais deve se posicionar e/ou aderir e que, consoante Todorov (2007, p. 75), “são os lugares-comuns de uma época, as ideias preconcebidas que compõem a opinião pública, os hábitos de pensamento, as banalidades e os estereótipos, aos quais podemos também chamar de ‘ideologia dominante’, preconceitos ou clichês”²². Isso explica não só a concentração de autores cujas obras estão ligadas aos movimentos sociais (veja lista acima, FLUP’19), mas sobretudo reflete o modo de se ensinar literatura nos ensinos fundamental e médio, nos quais aos alunos são oferecidos fragmentos para a comprovação do conteúdo trazido pelos manuais didáticos, razão pela qual uma grande porcentagem dos alunos que adentram a universidade, inclusive nos cursos de letras, não leram as obras dos autores brasileiros indicadas para o vestibular, mas resumos pasteurizados e previamente preparados para o exame, ofertados por cursinhos dos mais diferentes matizes.

Por outro lado, consoante Cosson,

o professor [...] tende a recusar os textos canônicos por considerá-los pouco atraentes, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessaria aos alunos de hoje. A essa percepção agregam-se as discussões sobre o cânone, que, deslocadas do jogo de forças da academia, ressignificadas na escola como mera inculcação ideológica e, por isso mesmo, implicam o abandono da leitura de obras antes consideradas fundamentais. (2006, p. 21-22)

Nesse contexto, é possível afirmar que ao adentrar as universidades o alunado divide-se em duas partes: a primeira, interessada em explorar os mais diversos temas e autores, canônicos inclusive, e, a outra, pouco interessada por literatura e menos ainda aquela dita canônica, pois fora previamente alertada sobre sua perniciosidade e o dano que essas histórias contadas por homens europeus (ou não), brancos e mortos podem causar às mentes mais desavisadas. Precavidos e engajados, ignoram a estranheza e a idiosincrasia que constituem o cânone, a estética que o singulariza, a audácia que emerge de seus textos e jamais desconfiarão que esses contadores de histórias eram subversivos de todos os valores e deles próprios.

Tratando-se do aluno recém-chegado à universidade, nota-se, com raras exceções, que afora Machado de Assis e Clarice Lispector e, hora ou outra, Graciliano Ramos²³ (na área de Literatura Brasileira), os demais autores ditos clássicos de nossa literatura jazem em completo

22 « Ce sont les lieux comuns d’une époque, les idées reçues qui composent l’opinion publique, les habitudes de pensée, poncifs et stéréotypes, qu’on peut appeler aussi ‘idéologie dominante’, préjugés ou clichés. » - minha tradução

23 Os três autores citados adequam-se perfeitamente às análises desenvolvidas no âmbito dos Estudos Culturais.

ostracismo; serão ressuscitados no futuro em um momento ou outro quando alguma participação em congresso ou dossiê temático de uma revista qualquer assim o exigir.

Por fim, a troca de um pelo outro pode ser vista sobre dois vieses: (i) nem sempre os novatos eleitos para substituir o cânone são aqueles que apresentam obras cuja têmpera revela consistência depois da trasfega, mas narrativas que pouco oferecem, permeadas de personagens planas e metáforas pobres, nas quais superabundam definições e posicionamentos, quando “metade da narrativa está em, ao contar uma história, evitar as explicações” (BENJAMIN, 2012, p. 219), enfim, solipsistas, em que o efeito literário provém ora de uma disposição em agradar às causas agendadas pela mídia, ora narcísica, preocupada em descrever suas pequenas emoções, seus medos, suas experiências sexuais e suas reminiscências mais fúteis (TODOROV, 2007, p. 35).

Diante disso, é comum o aluno universitário desobrigar-se do texto, passar ao largo das questões que envolvem os planos do enunciado e da enunciação, não adentrar aos diferentes pontos de vista que caracterizam o narrador (homo, hetero, auto ou extradiegético), as estruturas e os demais elementos constitutivos do gênero narrativo, dramático ou poético, limitando-se às questões extratextuais em consonância às pautas sociais, e, uma vez que em sua maioria não dominam os teóricos das ciências sociais, o trabalhos revelam fragilidades tanto no âmbito dos Estudos Literários quanto dos Estudos Culturais, enfim, análises frágeis em que superabundam estratégias moralistas – ainda quando se pretenda ser subversivo -, sofismas, ingenuidades, *pathos*, impressões e retórica. Em suma, em meio e a despeito de tudo, é preciso ter sempre em mente que a literatura não é a resposta para o mundo e o cânone não fará ninguém melhor ou pior, mais pervertido ou mais santo, mas abrirá alguma janela da qual, a partir de seus umbrais poder-se-á ver, ler e interpretar o mundo, não de maneira mais justa, mas, mais imparcial.

CONCLUSÃO

Pretendeu-se nesta breve reflexão tratar do cânone e suas imbricações, aceitação e recusa, no âmbito dos Estudos Literários e dos Estudos Culturais, além da leitura e do leitor, este, na maioria das vezes, na condição de aluno-leitor. Sobre o embate entre dois estudos – literários e culturais -, considerando-se a redundância que há em tratar do substrato cultural e dele excluir a literatura, reporto-me ao estudo de Moser, a partir do qual iniciei essas reflexões, e que ora parafraseio neste fim de parágrafo com acréscimos pessoais porque atende aos meus argumentos, reforço a imperiosa e desejável “escuta” comum entre as duas esferas de estudo à

busca de um resultado produtivo, em que cada um dos lados, a partir de seus próprios métodos e dos mesmos objetos – no caso, o texto literário – busquem um espaço intelectual de interação, transformação do conhecimento e fortalecimento das Letras, repositório das ideias humanistas e atualmente fito da má vontade injuriosa dos liberais e do abandono das políticas públicas.

Sobre leitor, nesses tempos ruidosos, de sistemática supressão do silêncio e desmemoriação, da cultura de massa e de desenfreado consumo tecnológico, o que mais dizer dele? Pouco, uma vez que sua vida é pautada pela efemeridade e, talvez, ao deslizar os olhos de uma tela para outra, sequer avenge o “espantoso sonho da imortalidade” desejado pelo autor das linhas que porventura em seu aplicativo. Certo, diz-se que um aluno de ensino médio de nossos dias tem muito mais informação que um filósofo da Antiguidade ou da Idade Média, porém, como se tentou mostrar ao longo destas reflexões, a atrofia da memória, emerge como um grande mal, acantonando o texto, tornando a literatura matéria árdua, dura e indigesta, razão pela qual professores e leitores voltam-se para a leitura criativa, o lúdico e suas interconexões com outras artes. Não há mal nisso, contanto que ele, leitor, não se esqueça de que sua relação com o livro é criativa, ambos, um precisa do outro e só essa reciprocidade será capaz de relevar sua essência, o seu ‘eu’, afinal, ao ler, ele lê a si mesmo.

No mais, verificou-se que para o leitor, a escola seria o porto a partir do qual criaria e sedimentaria novos horizontes de leitura, porém, aquartelada pelo descaso e a negligência do poder público, tornou-se centro de lazer, quando não de resistência. Esta última, contudo, emergiu não só contra o estado de coisas, mas também contra o processo de letramento literário. Consoante Cosson (2006, p. 26), “não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária”. Ler é mais. Ler é inferir, encontrar pressupostos do senso comum na literatura que antes sequer foram verbalizados, consolidar saberes, trocar sentidos, compartilhar visões de mundo, afrontar, ser subversivo, resistir, enfim, ler é cultivar o espírito e treinar sistematicamente os olhos e os sentidos para não se deixar nunca de se surpreender e de se indignar.

Porém, antes de concluirmos este ensaio, vale ressaltar que as reflexões aqui expostas foram gestadas antes da pandemia de Covid19, flagelo que se alastrou pelo planeta e cujos efeitos desastrosos foram sobremaneira prejudiciais não só à vida, mas sobretudo à educação em nosso país. Assim sendo, longe de se tornarem “datadas”, firmam-se como arrazoado para discussões futuras, quando provavelmente serão confrontadas às mudanças ocorridas nestes últimos dois anos, período em que as atividades educacionais (aulas não presenciais) e de divulgação da literatura (ausência de bienais e feiras literárias) foram restritivas, processo em curso cujos efeitos a médio e longo prazo parecem-nos ainda obscuros e incertos.

Por fim, se a vida e a sociedade nos instigam a posicionamentos contra o estado de coisas, a política e os preconceitos, e nisso os Estudos Culturais veem a literatura como um repositório de gostos, valores e juízos a partir dos quais pode utilizá-los ou contradita-los para afirmar seus posicionamentos, os Estudos Literários também buscam nos textos as mesmas coisas, só que acrescem à busca a procura da fatura artística, qual seja, o estético, ambrosia que eleva os espíritos, afinal, nem só de pão vive o homem, razão pela qual à procura de uma explicação para a vida, de uma essência, ambos, os Estudos Literários e os Estudos Culturais, no jardim da técnica cultivado pelas políticas atuais, são “como as flores [que] dirigem sua corola para o [mesmo] sol – o texto”²⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Essais critiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras escolhidas v. 1)

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BOURGET, Paul. O ensaio crítico em França. In: *Estudos literários*. São Paulo; Rio de Janeiro; Porto Alegre: W.M. Jackson Inc., 1965. (Clássicos Jackson).

CALVINO, Italo. *Perché leggere i classici*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., 2012.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 1. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie.: littérature et sens commun*. Paris: Éditions du Seuil, 1998. Collection Points-Essais.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DE STAËL, Madame. *Oeuvres complètes de Madame la Baronne de Staël-Holstein*, v. 1. *De la littérature*. Paris: Firmin Didot Frères, libraires-éditeurs, 1844.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De quoi demain...*. Paris: Fayard; Galilée, 2001.

24 Frase extraída do texto “Sobre o conceito de história”, de W. Benjamin (2012, p. 243).

H. STEVENS, Anne. *Literary theory and criticism: an introduction*. Peterborough: Broadview Press, 2015.

ECO, Umberto. *Sulla letteratura*. Milano: Bompiani; RCS Libri S.p.A, 2016.

MOSER, W. Estudos literários, estudos culturais: reposicionamentos. *Literatura e Sociedade*, v. 3, n. 3, p. 62-76, 4 dez. 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora escala, s/d.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PROUST, Marcel. *Le Temps retrouvé*. Texte établi sous la direction de Jean-Yves Tadié. Paris : Éditions Gallimard, 1999. Collection Quarto Gallimard.

STEINER, Georges. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *La Littérature en péril*. Paris: Flammarion, 2016. Collection café Voltaire.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

SITES CONSULTADOS:

Instituto Pró-Livro/Itaú Cultural

<https://portal->

[assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100172/191090 Pesquisa FLUP 2019 apresenta%C3%A7%C3%A3o_Rio_07-11-2019.pdf](https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100172/191090_Pesquisa_FLUP_2019_apresenta%C3%A7%C3%A3o_Rio_07-11-2019.pdf)

Instituto Pró-Livro, Retratos da Leitura – 4ª. Edição

<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp->

[content/uploads/2016/10/Retratos da Leitura 2016 apresenta%C3%A7%C3%A3o_lan%C3%A7amento_16-05_v2.pdf](http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2016/10/Retratos_da_Leitura_2016_apresenta%C3%A7%C3%A3o_lan%C3%A7amento_16-05_v2.pdf)

Reportagem d'O Estado de São Paulo mencionada no corpo do artigo

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,j-k-rowling-e-a-autora-mais-citada-na-bienal-do-rio-djamila-ribeiro-na-flup-diz-nova-pesquisa,70003078388>

Nota: Inclui-se dois ou três autores não citados ao longo do livro, mas que foram lidos para a sua produção.

LES FLEURS TOURNENT LEUR COROLLE VERS LE SOLEIL : RÉFLEXIONS PRÉ-PANDÉMIQUES SUR LE CANON, LA LECTURE ET L'ENSEIGNEMENT DE LA LITTÉRATURE

RÉSUMÉ: Il s'agit d'un essai sur les obstacles qui impliquent l'acceptation ou le refus du canon dans le cadre des études littéraires et culturelles, ce qui, on peut le dire, a déclenché une crise dans ces domaines. Motivé par les expériences personnelles de l'auteur et les discussions en salle de classe pendant l'année précédente le déclenchement de la pandémie de Covid19, les réflexions qui y sont présentées ne sont cependant pas « datées », compte tenu de la permanence du contexte qui les a provoquées, à la différence que maintenant, deux ans plus tard, eux, contexte et réflexions, se matérialisent dans un environnement virtuel, s'imposant même à un moment ou à un autre comme paramètre de discussions en dehors des études littéraires. Bref, une tentative a été faite pour approcher le statut du lecteur sur la base de données mises à disposition par des recherches telles que Retratos da Leitura – 4^a. Edição [Portraits de Lecture – 4^e. Édition], par l'Instituto Pró-Livro, et l'enquête réalisée par le même institut en partenariat avec Itaú Cultural, dont l'objectif était de dresser le profil des participants à la Bienal'19 et FLUP'19, toutes deux tenues à Rio de Janeiro. Là-dessus, ce profil du lecteur extra-muros a été utilisé pour positionner l'étudiant-lecteur qui entre à l'université. À partir de ces données, il a été commentée la posture quelque peu réfractaire à l'enseignement de la littérature dans les écoles, concluant pour une troisième voie dans laquelle les études littéraires et culturelles, si elles se réunissent dans l'approche du même objet, le texte, elles corroborent la résilience des Lettres.

MOTS-CLÉS : Études littéraires, études culturelles, canon, lecteur, lecture.